

***In memoriam* de António Júlio Veiga Simão (1963–2026)**

António Manuel Rochette Cordeiro *

Foi com profunda tristeza que recebemos a notícia do falecimento de António Júlio Veiga Simão, geógrafo cuja atividade profissional marcou, ao longo de quase quatro décadas, a evolução das políticas públicas de ordenamento do território, ambiente e desenvolvimento regional em Portugal.

Licenciado em Geografia pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e pós-graduado em Planeamento Municipal e Desenho Urbano pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da mesma universidade, desenvolveu praticamente toda a sua carreira fora do meio académico, optando por colocar o conhecimento geográfico ao serviço da Administração Pública.

Desde os primeiros anos como técnico superior na então Comissão de Coordenação da Região Centro, passando pela Direção Regional do Ambiente e Ordenamento do Território do Centro, pela Câmara Municipal de Coimbra, pelo iParque, até às funções de Vice-Presidente e de Presidente em substituição da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro, António Júlio assumiu sucessivas responsabilidades técnicas e de direção nas áreas do ordenamento do território, do ambiente, do desenvolvimento regional, da inovação e dos sistemas de informação geográfica. Nos últimos anos exercia funções de Assessor Principal da CCDR Centro, representando igualmente a instituição em diversas iniciativas nacionais e europeias ligadas à inovação territorial e à especialização inteligente.

Embora tenha desenvolvido atividade docente e de formação em diferentes momentos do seu percurso, foi na Administração Pública que construiu o essencial do seu legado. Ainda assim, a sua contribuição para a formação de técnicos merece particular destaque. Lecionou em diversas instituições de ensino superior e de formação especializada, partilhando o seu conhecimento nas áreas do ordenamento do território, da cartografia digital e dos sistemas de informação geográfica. Ao longo de mais de duas décadas contribuiu para a formação de dezenas de técnicos que viriam a integrar autarquias, organismos públicos, empresas de consultoria e outras instituições, desempenhando um papel determinante na disseminação dos Sistemas de Informação Geográfica em Portugal. Muitos dos profissionais que ajudou a formar desempenharam posteriormente um papel relevante na modernização da cartografia técnica municipal e na consolidação dos Sistemas de Informação Geográfica em autarquias e organismos públicos.

Pertenceu a uma geração de geógrafos que contribuiu decisivamente para afirmar a importância da informação geográfica como instrumento de apoio à decisão, numa época em que os Sistemas de Informação Geográfica davam ainda os primeiros passos em Portugal. Mais do que introduzir novas ferramentas técnicas, compreendeu desde cedo que a informação geográfica constituía um instrumento essencial para

produzir melhor conhecimento e apoiar decisões mais qualificadas sobre o território. Defendeu sempre uma visão integrada do ordenamento, do ambiente, da inovação e do desenvolvimento regional, entendendo estas dimensões como partes inseparáveis de uma mesma política territorial.

Conheci o António Júlio ainda na adolescência, em Coimbra, cidade onde ambos crescemos. Anos mais tarde foi meu aluno na Licenciatura em Geografia da Universidade de Coimbra, que concluiu em 1986. A amizade manteve-se ao longo dos anos e foi enriquecida por uma colaboração profissional que nos permitiu partilhar projetos, ideias e uma visão comum sobre o papel da Geografia no desenvolvimento do território.

Foi precisamente nessa fase que colaborámos em alguns dos primeiros trabalhos de cartografia digital desenvolvidos com recurso ao ArcGIS, numa altura em que os Sistemas de Informação Geográfica começavam a afirmar-se em Portugal. Recordo, em particular, o trabalho iniciado em 1999 sobre uma abordagem preliminar ao desenho de *greenways* para o território de Coimbra, que deu mesmo origem a publicações académicas. Foram muitas horas de trabalho, discussão e reflexão conjunta, durante as quais tive oportunidade de conhecer ainda melhor as suas qualidades humanas e profissionais: uma sólida competência técnica, uma permanente curiosidade intelectual e uma convicção profunda de que a Geografia só cumpre plenamente a sua missão quando contribui para melhorar o território e a vida das pessoas. Aquilo que começou por ser uma preocupação partilhada com uma Coimbra mais sustentável foi-se alargando, naturalmente, à escala da Região Centro, acompanhando as responsabilidades que foi assumindo ao longo da sua carreira.

O António Júlio distinguia-se por uma qualidade cada vez mais rara: nunca procurou protagonismo. Preferia o rigor do trabalho técnico, a cooperação entre instituições e a construção paciente de soluções para problemas complexos. Muitos dos projetos em que participou tiveram um impacto significativo sem que o seu nome surgisse em primeiro plano. Essa discrição, longe de significar ausência, era uma expressão da sua forma de estar: privilegiava sempre o interesse público, a qualidade das soluções e o trabalho coletivo.

A sua trajetória demonstra que a Geografia também se constrói fora da universidade e que a Administração Pública constitui um dos seus mais importantes espaços de intervenção. O seu contributo permanece inscrito em numerosos projetos, instituições e processos de planeamento que ajudou a consolidar, bem como na afirmação da informação geográfica como suporte essencial às políticas de desenvolvimento territorial. Esse legado perdurará muito para além dos cargos que desempenhou.

Para mim a memória do António Júlio vai muito para além do seu percurso profissional. Recordá-lo é evocar um amigo de longa data, um colega leal e um geógrafo que colocou sempre o seu conhecimento ao serviço do interesse público. Fê-lo com competência, discrição, generosidade e um raro sentido de responsabilidade. É essa a imagem que permanecerá entre todos os que com ele trabalharam e conviveram: a de um profissional exemplar e de um homem cuja dedicação ao território, à Geografia e ao serviço público contribuiu para transformar a forma como o conhecimento geográfico passou a apoiar as políticas públicas em Portugal, deixando simultaneamente uma marca profunda na memória de todos os que tiveram o privilégio de o conhecer.
